

Vistas Cénicas do Continente VII

As Salinas de Mangkang, na zona de Changdu, sudeste da Região Autónoma do Tibete, adjacente ao planalto norte da província de Yunnan, eram durante a Antiga Rota do Chá e dos Cavalos (Cha Ma Gu Dao) um importante ponto de paragem à entrada do Tibete.

De acordo com registos históricos, a actividade salineira começou na Dinastia Tang e as técnicas artesanais usadas para cristalizar o sal mantêm-se as mesmas até aos nossos dias. Estas antigas salinas espalham-se pelas duas margens do Rio Lancang.

Os talhos das salinas, ou seja, as divisórias em que se recolhe o sal, são plataformas de madeira de forma quadrada ou rectangular, suspensas por pilares, construídas e adaptadas ao relevo do terreno e depois cobertas de terra.

Antigamente, os salineiros, com baldes de madeira, carregavam cerca de 50 cates de água salgada que iam buscar aos poços perto do rio. Traziam a água para depósitos localizados em lugares mais altos, para evaporar e condensar ao vento, e depois transportavam-na até aos talhos para o último processo de cristalização. A luz do sol joga aqui um papel importante: se forte, bastam 3 a 5 dias para a água salgada se transformar em sal, e se fraca ou mesmo sem sol, são precisos 10 a 15 dias para se poder fazer a colheita.

Na margem leste do Rio Lancang, os talhos das salinas da aldeia da minoria Naxi, construídos nas colinas junto ao rio, formam uma bela paisagem de construções suspensas por pilares. Presentemente, o trabalho de tiragem e transporte da água do poço para depósitos é feito por bombas eléctricas, mas os restantes processos, tais como a raspagem, embalagem e transporte do sal continuam a ser feitos por salineiros e são trabalhos pesados. Só ocasionalmente são vistas mulas carregadas de mercadoria a subir e a descer os caminhos.

Na margem oeste do rio, os talhos das salinas da aldeia Jiada são construídos em terrenos planos ou inclinados. Centenas deles, de variadas formas e tamanhos espalham-se em longas e estreitas faixas ao longo do rio. Aqui, os mesmos talhos nem sempre pertencem às mesmas pessoas, dado os salineiros trocarem talhos entre si. O solo na zona de Jiada tem um tom um pouco avermelhado, e como os talhos são cobertos e tapados por esta terra, o sal produzido tem um tom ligeiramente avermelhado ou rosado, dando origem ao nome “sal de flor de pessegueiro”. O sal produzido na outra margem do rio, na aldeia da minoria Naxi, é branco, o que também tem a ver com a qualidade do solo local.

Em 2017, visitei a aldeia Jiada e conversei com um jovem que, de motorizada, tinha acabado de levar a comida à mãe, a trabalhar nas salinas. O ritmo de trabalho nas salinas é de sol a sol e bastante cansativo, mas as mulheres que ali trabalham estão habituadas.

A compra e venda do sal é simples: os compradores trazem os seus carros, param nos lados do caminho, pagam com dinheiro, embalam o sal e partem com a mercadoria.

Durante muito tempo, uma ponte pênsil, um estrado de madeira preso por correntes de ferro, construída no tempo da Antiga Rota do Chá e dos Cavalos, era o único meio para fazer a ligação entre as duas margens do rio, tanto para passagem de pessoas como de cavalos. Esta ponte ainda está em uso, apesar de existir uma ponte de cimento para passagem de veículos. Vi diversas obras rodoviárias em curso e, em pouco tempo, esta zona poderá ter uma outra aparência e um outro nível de desenvolvimento.

No dia 3 de Maio de 2013, foi oficialmente anunciada a integração das Salinas de Mangkang no 7.º conjunto da Lista de Património Cultural da China para promover a sua preservação.

Autor: Lou Kam Ieng

Tradutor: Lai Jiing Liang

Direcção dos Serviços de Correios e Telecomunicações